

Concordância de participante em matis (Pano)¹

Rogério Vicente FERREIRA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

This paper provides a preliminary account of the participant agreement system of Matis, a Brazilian language that belongs to the northern branch of the Panoan family. Participant agreement refers to the use of a set of inflectional morphemes on certain adjuncts that are semantically associated to a clausal argument; such morphemes agree with the syntactic function A, S, or O of this argument (Valenzuela 2003, 2005a). Participant agreement has been analyzed in other languages of the Panoan family, such as Shipibo-Konibo (Valenzuela 2003, 2005a), Chácobo (Valenzuela 2005b) and Kashibo-Kakataibo (Zariquiey Biondi 2011). The same phenomenon has been described under a different name in Capanahua (Loos 1999) and Matsés (Fleck 2003), and some observations on its manifestation in Matis have been made (Fleck 2010). In this paper, we also review a prior analysis of this feature in Matis, which has been treated under the notion of transitivity agreement (Ferreira 2008). This article aims at contributing to the description of Matis and to a better understanding of participant agreement in the Panoan family.

Keywords: Matis language, participant agreement, transitivity agreement, transitivity harmony, syntax

1. Introdução²

Estudos prévios sobre as línguas Pano realizados por Loos (1973, 1999), Montag (2005), Valenzuela (1999, 2002, 2003, 2005a,b, 2010, 2011a,b), Zariquiey Biondi (2011), Sparing-Chávez (1998), Fleck (2003, 2010), entre outros, têm apresentado uma série de questões particulares dessa família linguística, como o sistema de marcadores de referência alternada (*switch-reference*), prefixos de parte de corpo, o sistema de marcação de caso

¹ Gostaria de agradecer a Pilar Valenzuela pelos valiosos comentários e sugestões desde meus tempos de estudante de doutorado, pois este artigo é resultado destas conversas. Também gostaria de agradecer aos editores dessa revista que se dedicaram em realizar este trabalho que certamente irá contribuir muito para os estudos sobre estas línguas. Por fim, gostaria de agradecer a David Fleck que muito ajudou na época na coleta dos dados.

² Os dados aqui apresentados fazem parte do material por mim coletado durante minhas viagens à aldeia matis, como também de trabalhos realizados com este povo nas cidades amazônicas: Tabatinga e Atalaia do Norte. As gravações foram realizadas *in loco* entre 1996 e 2005. Durante este período trabalhei basicamente com falantes monolíngues, pois não mais que cinco pessoas falavam razoavelmente a língua portuguesa. O trabalho de campo realizado por mim se concentrou em coletas de dados lícitados, os poucos textos coletados apresentaram alguns problemas devido a falta de comunicação mais compreensiva, mas também fizeram parte de minha análise.

ergativo com cisões de diversos tipos, sistema de evidencialidade, concordância do participantes, harmonia transitiva, entre tantos outros aspectos. Assim, os estudos sobre esta família linguística têm apresentado novas discussões no campo da tipologia linguística e das línguas indígenas. Neste artigo apresentamos o sistema de concordância de participante que ocorre na língua matis³ refere-se ao uso de um grupo de morfemas flexionais em certos adjuntos que são semanticamente associados ao argumento da cláusula; cada morfema concorda com a função sintática A, S ou O desse argumento (Valenzuela 2003, 2005a), somando-se às análises sobre este assunto já realizadas na língua shipibo-konibo (Valenzuela 2003, 2005a, 2011a) e na língua kashibo-kataibo (Zariquiey Biondi 2011).

O artigo primeiramente aborda na seção 1.1 o grupo Pano do Norte. Neste ponto destaca-se a diferença entre as línguas matsés e matis. Em seguida, na seção 2, discorremos sobre o sistema de concordância de participante e como tal sistema funciona nas língua Pano (2.1) descrita por Valenzuela (2011a). Ainda nesta seção tratamos da marcação de caso na língua matis para apresentarmos posteriormente a concordância de participante nesta língua.

1.1. Grupo Pano do Norte

Segundo Erikson (1994: 18), o matis faz parte de um subgrupo “Pano do Norte” ou “Mayoruna” (*cf.* Tabela 1). Neste grupo estariam inseridos o matsés, também conhecido como mayoruna, o korubo, o maya⁴ e o kulina-pano. A língua matsés⁵ tem sido identificada por Shell (1975 [1965]), Kneeland (1994) e Fleck (2003) como uma língua à parte dentro da família Pano. O matis mantém uma proximidade com a língua matsés, estudada por Fields (1979) e Fleck (2003). Os estudos feitos por Ferreira (2001, 2008) demonstram que a estrutura gramatical interna da língua matis é similar ao matsés, mas mantém uma distância significativa de outras línguas da família

³ Os fonemas da língua matis são os seguintes (os parêntes indicam que são alofones): /p b t d k (g) (?) m n (ŋ) (r) (β) s ʃ ts tʃ w y/; /i i (u) ɔ r o (ɛ) (ɔ) a/.

⁴ Não há base linguística nem antropológica para definir o grupo Maya, citado por Erikson, como pertencente à família Pano, visto que não há listas de palavras nem dados culturais para esta classificação. Segundo os sertanistas que fizeram os primeiros contatos em 1979 (CEDI, 1981), não havia no grupo nenhum indígena que fosse falante de alguma língua Pano, e nenhum especialista para poder fazer o levantamento sobre a língua ou sobre a cultura.

⁵ No lado brasileiro este mesmo grupo é conhecido como mayoruna.

Pano, como a língua katukina, estudada por Aguiar (1988, 1994), a língua poyanáwa, pesquisada por Paula (2004), a língua marubo, por Costa (1994, 1997, 2000) e a língua caxinawa, estudada por Camargo (1991). Dessa forma, tais estudos são compatíveis com a proposta feita por Erikson (1994), na qual há um subgrupo Mayoruna e como sustenta Valenzuela & Guillaume (neste volumen tomo 1) sobre o Pano do Norte, assunto que trataremos mais adiante.

Por muito tempo duas questões têm sido levantadas: (a) O grupo matis e matsés constituem um único grupo? (b) Tratam-se da mesma língua?

Quando se verifica a forma com que os membros de ambos referem-se a si próprios, percebe-se que o termo utilizado é o mesmo, *matsés*. O mesmo ocorre com o povo kulina-pano pois constatamos, *in loco*, que este grupo também utiliza o termo *matsés* para autodenominação. Na realidade não seria uma autodenominação propriamente dita, pois este termo significa “pessoas”, “gente”, ou ainda é um termo que os distingue dos não-indígenas. Isto significa que estes grupos Pano também utilizam o termo *matsés* para denominar outros indígenas. Para aqueles que não fazem parte de algum grupo indígena, o termo utilizado é *matsés witsi*, ou seja, “a outra gente”. No caso dos matis, também tratam os não-indígenas como *nawa*.

As línguas matis e matsés, apesar de serem próximas, como já dito anteriormente, quando observadas em seu inventário lexical e até mesmo gramatical, fornecem evidências que são línguas distintas. Fleck & Ferreira (2005) fazem uma comparação léxico-estatística, comparando 200 itens lexicais do matis que aparecem em Ferreira (2001) com os dados do matsés. Nesse trabalho, os autores mostram que 53-72% dos termos são cognatos.⁶

⁶ Segundo Crowley (1997: 184) “uma porcentagem de 55-81% de cognatos compartilhados indica duas línguas distintas dentro de uma subfamília”.

Além do trabalho de comparação léxica, também foram realizados os testes de compreensão.⁷ Além destes testes realizados, os dois pesquisadores, Fleck & Ferreira, estão comparando algumas questões gramaticais, o que tem confirmado a distinção destas duas línguas e que elas fazem parte de um novo grupo dentro da família Pano. Como pudemos notar acima, Loos (1999: 229) não cita os matis, os korubo e os kulina-pano em sua classificação. No entanto, estes quatro grupos, além de outros remanescente encontrados por Fleck entre os matsés, como os chankuëshbo e os kapishto, parecem fazer parte desse subgrupo Mayoruna proposto por Erikson (1994a). Fleck (2010: 31) apresenta uma proposta de agrupamento (*cf.* tabela 1) que pode ser entendida como uma classificação do subgrupo “Pano do Norte”, seguindo a classificação de Valenzuela & Guillaume (neste volumen tomo 1):

⁷ Fleck (2003) descreve que colocou um homem velho matsés para ouvir os matis conversando por um sistema de rádio. Segundo ele, o velho não pôde entender tudo o que era dito, mas era possível entender o assunto. Já um outro rapaz matsés, que foi trabalhar na frente de atração do rio Ituí, disse que depois de alguns meses convivendo com os matis que ali também se encontravam, pôde se comunicar significativamente, mas sempre por meio de expressões simples. Várias vezes, nos trabalhos de campo realizados por mim, foram feitos testes de compreensão entre os matis e alguns falantes de matsés. Em todas as vezes, foi dito que era possível compreender o assunto, mas não totalmente. Também foi possível colocar um rapaz matsés para ouvir os matis conversarem; logo após, eram feitas algumas perguntas a respeito do assunto, detalhes do que era dito e o que foi difícil de se compreender. Com relação ao assunto, o rapaz havia compreendido o geral, já os detalhes, algumas coisas eram possíveis explicar e outras não, sendo que a parte difícil para ele era acompanhar questões que envolviam detalhes da língua. Assim, desde ponto de vista da compreensão mútua, ambos autores concluíram que se trata de duas línguas distintas.

Tabela 1: Línguas que se sabem estarem no ramo Mayoruna [Fonte: Fleck, 2010: 31]

Languages known to be in or possibly in the Mayoruna subgroup.

| Group/language | Speakers ^a | Identification |
|---|-----------------------|---|
| Mayoruna languages spoken by extant groups: | | |
| Matsés | ca. 2200 | independent Mayoruna language |
| Matis | 269 ^b | independent Mayoruna language |
| Kulina | 3 ^c | independent Mayoruna language (Mawi dialect) |
| Korubo | 300? ^d | undocumented, probably same as/dialect of Chankuëshbo |
| Maya/Quixito (?) | 100-200 ^d | undocumented, possibly Panoan, possibly Mayoruna |
| Mayoruna languages/dialects spoken by captives living among the Matsés: | | |
| Kulina (Kapishto) | | 3 very close dialects of this language exist: |
| Mawi | X/9+ ^e | dialect of Kulina |
| Kapishtana | 17/14 | dialect of Kulina |
| Chema | 12/7 ^f | dialect of Kulina |
| Chankuëshbo | 5/2 | independent Mayoruna language, similar to Korubo |
| Dēmushbo | 4/1 | Mayoruna variety, originally capture by the Chema |
| Paud Usunkid | 1/0 | Mayoruna variety |
| Historical Mayoruna: | | |
| Maxuruna ^g | | Mayoruna language |
| Castelnau's Mayoruna ^h | | Mayoruna language, two distinct dialects existed: |
| <i>Mayorunas sauvages</i> | | dialect of Castelnau's <i>Mayoruna</i> |
| <i>Mayorunas civilisés</i> | | dialect of Castelnau's <i>Mayoruna</i> |
| Alviano's Maioruna ⁱ | | Mayoruna language, most similar to matis |
| Maiorunas Corugos ^j | | Mayoruna subgroup; possible 1730s reference to Korubo ~ |
| Barbudos ^k | | possibly Mayoruna language, known from ?1700s |

^a Includes only competent speakers, excluding captives that were brought too young to speak well.^b Nascimento (2005)^c This figure includes only speakers not captured by the matsés; total speakers for Kulina is 33.^d Erikson (1994).^e For captive groups, number of speakers captured precede the slash, those still living follow it; for Mawi speakers, this figure includes only speakers living among the matsés.^f These figures include the Dēmushbo speakers, who were bilingual when captured by the matsés.^g Spix and Martius (1831), 137-entry Latin-Maxuruna lexicon in Martius (1867).^h 80-/54-entry French-Mayoruna lexica in Castelnau (1851); also in Martius (1867).ⁱ 503-entry Portuguese-Maioruna lexicon in Alviano (1957).^j Maroni (1988: 435) (no lexicon).^k Figueroa 1904[1661] (no lexicon).

1.2. O sistema de marcação de caso em matis

O sistema de marcação de caso é uma das características que encontramos nesta língua, como também ocorre em outras línguas da família Pano. Assim, destacamos as seguintes características: (i) morfologia que tente a aglutinação; (ii) ordem básica de constituintes AOV e SV; (iii) uso de prefixos de partes do corpo que se afixam tanto em verbos, quanto em

nomes e adjetivos, sendo a maior ocorrência nos verbos; (iv) o tempo é dividido em passado e não-passado, sendo o passado dividido em vários graus; (v) um sistema complexo de referência alternada; (vi) concordância de participante; (vii) verbos supletivos de deslocamento ‘ir’ e ‘vir’ que concordam com a transitividade verbal, e (viii) harmonia transitiva. Estes traços são característicos das línguas Pano e vários deles são compartilhados com as línguas Takana (ver Valenzuela & Guillaume, neste volume). Em seguida descrevemos o sistema de marcação de caso por se tratar de um traço mais relevante à presente discussão.

A língua *matís* segue um alinhamento ergativo-absolutivo que a nível dos nomes se manifesta mediante os seguintes morfemas: caso ergativo *-n* ~ *-in* e caso absoluto que é não marcado ($-\emptyset$). Os pronomes são considerados, sincronicamente, como um conjunto de pronomes ergativos e outro absolutivos.

Como mencionado anteriormente, a ordem dos constituintes maiores da cláusula é AOV quando o predicado é transitivo e SV quando este é intransitivo. A cláusula será inaceitável caso o A ocorra depois do verbo.

As seguintes sentenças da língua *matís* demonstram que os marcadores de caso nos nomes ocorrem da seguinte forma: o sujeito (A) de cláusulas transitivas recebe o marcador de ergativo, enquanto que o sujeito (S) de cláusulas intransitivas e o objeto (O) de cláusulas transitivas são não-marcados (\emptyset).

- (1)a. *iba-n wesnid- \emptyset tonk-a-s*
 Iba-ERG mutum-ABS atirar-PASS.REC-3.EXP
 ‘O Ivan atirou (matou) o mutum.’
- b. *rogeru- \emptyset abad-kid*
 Rogério-ABS correr-HAB
 ‘O Rogério sempre corre.’

Quanto aos pronomes pessoais em *matís*, existe uma diferença entre o singular e o plural com relação à marcação de caso ergativo/absolutivo. Os pronomes pessoais do plural não exibem o morfema ergativo *-n* como ocorre no singular, e exibem distribuições mais idiossincráticas (*cf.* quadro 2). Verificamos, até o momento, que a língua possui um sistema estritamente ergativo em relação aos pronomes pessoais singulares (*cf.*

quadro 1) com exceção da terceira pessoa do singular, cuja distribuição é neutra (*cf.* quadro 3). Outras características consideradas é quanto ao pronome de segunda pessoa do plural (*cf.* quadro 2), pois o mesmo possui uma forma distinta para O (forma esta que em matsés só ocorre em narrativas mitológicas (Fleck 2003: 242)). Outro fator que nos chama a atenção é com relação ao pronome de terceira pessoa que é não-marcado { \emptyset } em nenhuma função, sendo que só ocorre em posição de co-referência (*cf.* quadro 1 e quadro 3). Constatamos que os pronomes singulares se organizam seguindo padrões ergativo-absolutivo e neutro.

Quadro 1: Pronomes pessoais singulares

| | A | S | O |
|-------------------------|--------------|-------------|-------------|
| 1 SG, 1 + 3 (exclusivo) | <i>inbi</i> | <i>ibi</i> | <i>ibi</i> |
| 2 SG | <i>minbi</i> | <i>mibi</i> | <i>mibi</i> |
| 3 SG (correferentes) | <i>anbi</i> | <i>abi</i> | <i>abi</i> |

Neste quadro 2, temos o nominativo/acusativo que ocorre na segunda pessoa do plural.

Quadro 2: Pronome pessoal de segunda pessoa do plural

| | A | S | O |
|------|--------------|--------------|--------------|
| 2 PL | <i>mikui</i> | <i>mikui</i> | <i>mitso</i> |

Neste quadro 3, temos o neutro que ocorre com a primeira pessoa do plural e terceira pessoa.

Quadro 3: Pronome pessoais de primeira pessoa do plural inclusiva e terceira pessoa do singular e plural

| | A | S | O |
|------------------|-------------|-------------|-------------|
| 3 SG | \emptyset | \emptyset | \emptyset |
| 1+ 2 (inclusivo) | <i>nuki</i> | <i>nuki</i> | <i>nuki</i> |
| 3 PL | \emptyset | \emptyset | \emptyset |

Como podemos observar na quadro 1, os pronomes de 1ª pessoa e 2ª pessoa do singular ocorrem na função A na forma ergativa (ver exemplos: 2(a) e 3(a)), enquanto que na função O e S temos os pronomes na forma absoluta (ver exemplos: 2(b)-(c) e 3(b)-(c)). Ferreira (2008) considera tais pronomes formas lexicalizadas.

(2) Pronome Ergativo/Absolutivo de 1ª Pessoa Singular

- a. *inbi* *pusan- \emptyset* *pe-a-k*
 1SG.ERG preguiça-ABS comer-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu comi a preguiça.’

- b. *Biuş-in takada-Ø ibi bi-şun-bo-ş*
 Biuş-ERG galinha-ABS 1SG.ABS trazer-BENEF-PASS.N.REC-3.EXP
 ‘Biuş trouxe a galinha para mim.’
- c. *ibi nun-e-k*
 1SG.ABS nadar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Eu nado.’
- (3) Pronome Ergativo/Absolutivo de 2^a Pessoa Singular e a 3^a correferente
- a. *minbi atsa-Ø kodoka-a-k*
 2SG.ERG mandioca-ABS cozinhar-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Você cozinhou mandioca.’
- b. *mibi uş-bo-k*
 2PL.ABS dormir-PASS.N.REC-1/2.DECL
 ‘Você dormiu (já faz um tempo).’
- c. *tşuna-n mibi dayun-a-ş*
 macaco-ERG 2SG.ABS abraçar-PASS.REC-3.EXP
 ‘O macaco barrigudo abraçou você.’

A terceira pessoa do singular e do plural não são marcadas foneticamente, ou seja, é a ausência de morfema que expressa a terceira pessoa. Contudo, temos uma referência a terceira pessoa por meio do morfema de evidencialidade -ş ‘experencial’ que ocorre somente em formas do passado e que concorda com a terceira pessoa.

- (4) Pronome Neutro de 3^a pessoa singular
- a. *Ø_(i) unkin tonka-a-ş_(i)*
 3SG porquinho matar.com.arma-PASS.REC-3.EXP
 ‘Ele(a) matou o porquinho.’
- b. *Ø_(i) tşod-in sukuad-bo-ş_(i)*
 3SG chão-LOC deitar-PASS.REC-3.EXP
 ‘Ele(a) deitou no chão.’

Como ocorre em outras línguas Pano, também em matis existe uma cisão na marcação de caso. A primeira pessoa do plural inclusiva apresenta a mesma forma independente da função sintática (A, S, O) (cf. 5 (a), (b) e (c)), diferentemente da segunda pessoa do plural que mostra um alinhamento nominativo-acusativo (cf. 6 (a), (b) e (c)).

- (5) Pronome Nominativo/Acusativo de 1^a Pessoa Plural
- a. *nuki wesnid-Ø tik-a-k*
 1+2 mutum-ABS matar.com.seta-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Nós matamos o mutum com seta.’

- b. *nuki kapo-e-k*
1+2 andar-N.PASS-1/2.DECL
'Nós andamos.'
- c. *iba-n nawa-n matsu nuki bed-ʃun-bonda-ʃ*
Iba-ERG não-índio-POSS panela 1+2 comprar-BENF-PASS.DIST-3.EXP
'O Iba comprou (há muito tempo) panelas para nós.'
- (6) Pronome Nominativo/Acusativo de 2^a. Pessoa Plural
- a. *mikui tfawa-Ø nidika-bene-e-k*
2PL.NOM queixada-ABS correr.atrás.de-sem.parar.TR-N.PASS-1/2.DECL
'Vocês correram atrás da queixada sem parar.'
- b. *Ø mitso bed-ʃun-bo-ʃ*
3SG 2PL.AC dar-BENEF-PASS.N.REC-3.EXP
'Ele pegou para vocês (algo).'
- c. *mikui kuan-kuan-e-Ø*
2PL.NOM ir-REDUPL-N.PASS-INTERR
'Vocês vão embora?'

Em sintagmas nominais do tipo [(N) + N]-n e [N + Adj]-n, a marca de caso ergativo ocorre após o sintagma.

- (7)a. *[mena-n tfanpi]-n atsa-Ø pe-bo-ʃ*
Mená-POSS menina-ERG mandioca-ABS comer-PASS.N.REC-3.EXP
'A filha do Mená comeu mandioca.'
- b. *wapa-Ø [nawa tuku-dapa]-n kues-a-ʃ*
cachorro-ABS não-índio baixo-ENF-ERG bater-PASS.REC-3.EXP
'O não-índio baixinho bateu no cachorro.'

2. O sistema de concordância de participante

Como já foi abordado por Valenzuela (2003, 2005a, 2005b) e posteriormente por Zariquerry (2011), as línguas da família Pano possuem um sistema de concordância de participante. Segundo Valenzuela (2005b: 186), tal sistema é algo muito característico dessa família, mas pouco abordado pelos pesquisadores destas línguas, especialmente quando se manifesta no interior da cláusula. A autora em seu trabalho comparativo sobre os adjuntos orientados ao participante faz um apanhado sobre tal assunto dentro dessa família (2003: capítulo 20, 2011a). Vamos aqui abordar neste artigo a concordância de participante na língua matis. Contudo, faz-se necessário uma definição clara sobre tal sistema. Para isso lançaremos mão das colocações feitas pelos autores supracitados.

Assim, o termo concordância de participante refere-se a uma categoria flexional associada a diferentes tipos de adjuntos. Estes morfemas flexionais são utilizados para indicar que um adjunto é semanticamente orientado a um argumento particular do verbo (Valenzuela 2003: 821, 2005a: 259; Zariquiey 2011: 471). Vejamos as seguintes cláusulas da língua kashibo-kakataibo.

(8) kashibo-kakataibo (Zariquiey Biondi 2011: 472, exemplos: 597, 598 e 599)

a. Concordância de Participante: A

uni=n ka baka=nu=xun chaxu 'a-a-x-a
 homem=ERG NAR.3p rio=LOC=CP:A veado.ABS matar-PERF-3p-NO.PROX
 'O homem, estando no rio, matou o veado.'

b. Concordância de Participante: O

uni=n ka baka=nu=a chaxu-Ø 'a-a-x-a
 homem=ERG NAR.3P rio=LOC=CP:O veado.ABS matar-PERF-3P-NO.PROX
 'O homem matou o veado, que estava no rio.'

c. Concordância de Participante: S

uni=Ø ka baka=nu=ax kwa-i 'i-a-x-a
 homem=ABS NAR.3P rio=LOC=CP:S brincar-S/A>S be-PERF-3P-NO.PROX
 'O homem, estando no rio, estava brincando.'

Nos exemplos acima, Zariquiey Biondi aponta as diferenças entre as três cláusulas demonstrando a relação da concordância de participante. Primeiramente, relação entre =*xun* (CP:A) e o participante em função A ou sujeito transitivo (cuja marca de caso é =*n*), na cláusula (a); a relação entre =*a* (CP:O) e o participante na função O ou objeto (cuja marca de caso é =*Ø*), na cláusula (b), e na cláusula (c), verifica-se a relação entre o =*ax* (CP:S) e o participante em função S ou sujeito intransitivo (cuja marca de caso é =*x*). Com estes dados, podemos notar que nesta língua a distribuição dos morfemas que aparecem nos adjuntos locativos não depende diretamente da transitividade do verbo senão da função sintática dos participantes A, S e O. Dessa forma, o que se pode afirmar até aqui, seguindo Valenzuela (2003, 2005a, 2011a), é que a concordância de participante está relacionada com a transitividade no sentido que a orientação do participante distingue as funções A, S e O.

A concordância de participante também se manifesta no nível da combinação de cláusulas e portanto está relacionada ao sistema complexo de referência alternada que caracteriza as línguas Pano. O que nos motivou a tratar deste assunto sobre concordância de participante é o fato da língua

matis ser uma língua do ramo do Norte (Valenzuela & Guillaume, neste volumen tomo 1), um dos ramos mais afastados da família Pano. Acreditamos que esta análise virá ao encontro dos estudos Pano realizados até o momento.

Em nossa análise anterior (2008) sobre a língua matis, tratamos a flexão que ocorre nos adjuntos como morfemas de concordância transitiva. Aqui, dentro de uma nova perspectiva, procuramos desenvolver uma análise observando até que ponto podemos tratar de um só sistema ou de algo híbrido. Fleck (2003, 2010) informa que nas línguas Pano do Norte os clíticos desempenham uma função de concordância com a transitividade, sendo algo particular desse ramo da família Pano. Para este autor, os clíticos *-ek* (Maneira: concordância intransitiva) (9a) e *-en* (Maneira: concordância transitiva) (9b), assim como *-shun* (Iniciacao de Evento: Concordancia Transitiva) (10a) e *-wësh* (Iniciacao de Evento: Concordancia Intransitiva) (10b) ocorrem nos advérbios, cláusulas adverbiais e nos sintagmas posposicionais. Dessa forma tem-se o seguinte:

- (9) matsés (Fleck 2010: 51-52, exemplos: 15 e 19)
- a. *debi-Ø kumanpen-ek kapu-o-şh*
 Davy-ABS intensamente-MANR:INTR caminha-REC.PAS-3
 ‘Davy caminha rápido/duro.’
- b. *debi-n kumanpen-en kues-o-şh-i*
 Davy-ERG intensamente-MANR:TR bater-REC.PAST-3-1
 ‘Davy me bateu forte (fortemente).’
- (10)a. *këwëte-wa-şhun Ø tonkodo-Ø kuës-kid*
 gancho-VZ:fazer-depois:S/A>A 3ERG árvore.espécie-ABS reunir-HAB
kuëte utsi]-n-şhun
 dicot.árvore outro-LOC-INIT:TR
 ‘Eles fazem um gancho, depois coletam frutos da árvore ao lado (ou seja, escalando uma árvore ao lado).’
- b. *ënapen-quio-wësh cho-o-şh*
 distante-AUG-EV.INIT:INTR vir-PAS-3
 ‘Ele veio de muito longe.’

Com pontos de vista distintos, mas que, de certa forma, se convergem a uma mesma discussão, quer seja de concordância de participante, quer seja de concordância com a transitividade. Assim, iremos abordar este mesmo conjunto de morfemas na língua matis, buscando apresentar sua realização e função dentro da cláusula (intraoracional) e no encadeamento de cláusulas (interoracional).

3. Concordância de participante na língua matis

Vimos na seção 1.2 que a língua matis possui um sistema de marcação de ergativo-cindido. A importância de tal apontamento ocorre devido a sua relação com a concordância de participante, visto que existe uma relação direta e estrita com a transitividade e com a distinção entre as funções sintáticas S, A e O. Além de que em certos tipos de adjuntos observados apresentam a existência de um padrão remicente do sistema ergativo-absolutivo, já que somente a orientação para A é explicitamente marcada.

3.1. Concordância de participante no nível interoracional

A língua matis, à semelhança das outras línguas da família Pano, possui o sistema de referência alternada, envolvendo um grupo de morfemas, o que faz disso um sistema complexo. Estes morfemas que ocorrem nas cadeias de cláusulas marcam a relação do participante da correferência no encadeamento, de forma que não seja necessário a identificação dos mesmos em cada cláusula. Valenzuela (2011a: 9) afirma que dentro deste sistema de referência alternada as marcas que participam do sistema de concordância de participante são principalmente aquelas que se referem ao sujeito idêntico. (Por exemplo, na língua amawaka [Pano] os marcadores de sujeito idêntico *-ax*, *-xon* e *-xo* indicam orientação semântica para os participantes S, A e O da cláusula matriz, respectivamente). Diante disso, podemos apresentar os seguintes morfemas de referência alternada na língua matis:

Quadro 4: Morfemas de referência alternada

| Morfemas | Significados | | Subordinada e o tipo de argumento | Principal e o tipo de argumento |
|-------------|--------------|---|-----------------------------------|---------------------------------|
| <i>-aş</i> | sequencial | depois que | A/S | S |
| <i>-şun</i> | sequencial | depois que | A/S | A |
| <i>-ek</i> | simultâneo | enquanto que, durante, quando, ao mesmo tempo que.... | A/S | S |
| <i>-kin</i> | simultâneo | enquanto que, durante, quando, ao mesmo tempo que.... | A/S | A |
| <i>-şo</i> | simultâneo | durante, enquanto | A/S | O |
| <i>-nun</i> | propósito | antes de, com propósito de | A/S | A |
| <i>-nuş</i> | propósito | antes de, com propósito de | A/S | S |
| <i>-en</i> | propósito | causa | A/S | S |

3.1.1. Marcadores de sujeitos idênticos em eventos sequenciais⁸

Os morfemas que ocorrem em cláusulas que se referem a eventos anteriores al evento de la cláusula matriz e marcam sujeitos idênticos são *-aʃ* e *-ʃun* ‘depois que’, “primeiro”. Podemos verificar claramente o uso destes morfemas nas cláusulas onde existe uma relação entre os argumentos A ou S.

O morfema *-aʃ* sufixa-se ao verbo da subordinada e seu argumento é apagado. O argumento do verbo da matriz determina o morfema de referência alternada. O morfema *-aʃ* indica que os sujeitos das cláusulas são os mesmos, sendo que a subordinada está orientada em direção ao argumento S de uma cláusula intransitiva, como se pode observar a seguir:

- (11)a. *ibi*_(i) *Ø*_(i) *tawa-Ø* *pe-aʃ*_(i) *uʃ-to-bo-k*
 1+3.PL (1+3.PL) queixada-ABS comer-SEQ.A/S>S dormir-DESL-PASS.N.REC-1/2.DECL
 ‘Nós fomos dormir, depois que terminamos de comer queixada.’
- b. *Maki-Ø*_(i) *Ø*_(i) *nes-aʃ*_(i) *uʃ-e-k*
 Maki-ABS (Maki-Ø) banhar-SEQ.A/S>S dormir-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Maki dorme depois que banha.’
- c. *mibi*_(i) *punkin-kin*_(j) *Ø*_(j) *pe-aʃ*_(i)
 2SG.ABS primeiro-A (2SG) comer-SEQ.A/S>S
*Ø*_(i) *kuan-aʃ*_(i) *Ø*_(i) *ne-aʃ*_(i) *uʃ-tan-ta*
 (2SG) ir-SEQ.A/S>S (2SG) banhar-SEQ.A/S>S dormir-DESL.ir-IMP.AFIRM
 ‘Primeiro você comerá, depois tomará banho e depois durma!’

Nos exemplos 11 (a, b, c) é possível observar que o morfema *-aʃ* se afixa ao verbo da cláusula que se subordina à principal, sua ocorrência sempre está relacionada ao participante S da matriz (para isso observe a indexação feita por (i)), que é regido por um verbo intransitivo. O exemplo 11 (c) é chama a atenção, pois mostra um encadeamento de cláusulas as quais são subordinadas a principal que possui um verbo intransitivo. Assim, podemos notar que o morfema se afixa ao verbo transitivo *pe-* ‘comer’ e os intransitivos *kuan-* ‘ir’ e *nes-* ‘banhar’. Assim *-aʃ* funciona como um marcador de CP, pois está relacionado ao argumento S da cláusula matriz.

⁸ Seguindo a mesma notação de Fleck (2003: 1079), A/S>A ou S ou O, ou seja, Subordinada>Matriz. A/S indica que se a subordinada for de verbo intransitivo o argumento é S, se for de verbo transitivo o argumento é A. >A significa correferencialidade com argumento A da matriz, enquanto que > S com argumento S da matriz e > O com O da matriz.

O morfema *-sun*, semelhantemente a *-aŝ*, ocorre somente em cláusulas sequenciais anteriores. O que determina a sua presença no verbo é o fato de a cláusula principal ter um argumento A, o que significa que o verbo da cláusula matriz é transitivo.

- (12)a. *Maki-n_(i) Ø_(i) nes-**sun**_(i) atsa-Ø kodoka-a-ŝ*
 Maki-ERG Maki-Ø banhar-SEQ.A/S>A mandioca-ABS cozinhar-PASS.REC-3.EXP
 ‘Maki tomou banho e depois cozinhou mandioca.’
- b. *inbi_(i) Ø_(i) pe-**sun**_(i) mai did-e-k*
 1SG.ERG 1SG comer-SEQ.A/S>A roça cortar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Eu derrubarei a roça depois que comer.’
- c. *Ø_(i) kanpuk-in tiktŋi-mid-**sun**_(i)*
 (1SG) veneno-INSTR colocar-REFL-SEQ.A/S>A
inbi(i) uk-a-k
 1SG.ERG vomitar⁹-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Depois de colocar veneno em mim mesmo na pele, eu vomitei.’

3.1.2. Marcadores de sujeitos idênticos em eventos simultâneos

Os morfemas *-ek* e *-kin*, semelhantemente aos morfemas *-aŝ* e *-sun*, também indicam sujeitos idênticos e são determinados de acordo com o tipo de argumento exigido pelo verbo da cláusula principal (A ou S). A diferença entre estes pares de morfemas é que os morfemas *-ek* e *-kin* ocorrem somente em eventos simultâneos. Valenzuela (2003) e Spring-Chávez (1998) descrevem morfemas semelhantes para o shipibo-konibo e o amawaka, respectivamente, como participantes de eventos simultâneos. Já em matsés, Fleck (2003) os trata como tendo significados básicos de “enquanto” e seus significados estendidos como “razão, circunstancial, condicional, concessivo e aditivo”.

Apesar das diferenças de tratamento nestas línguas, os autores são unânimes em afirmar que a transitividade é fundamental para a seleção de um ou de outro morfema. Em matis, os morfemas de referência alternada

⁹ O verbo vomitar em matis é tratado como transitivo, apesar de muitas vezes não apresentar segundo argumento, é pressuposto que tenha vomitado algo, sempre o argumento será A, ou seja, com marcação de caso. Por exemplo:

inbi uk-tsen-a-k
 1SG.ERG vomitar-INCON-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu quase vomitei (queria vomitar e não vomitei).’

variam segundo o tipo de argumento (A ou S) na cláusula matriz para os quais a cláusula/oração subordinada está orientada semanticamente.

O morfema *-ek* se sufixará verbos intransitivos e transitivos. Porém, só ocorrerá se o argumento da cláusula principal for S, ou seja, argumento marcado pelo caso absoluto. Da mesma forma como ocorre com os morfemas anteriores, o argumento da segunda cláusula é apagado pelo fato do morfema *SR* indicar que tratam-se de sujeitos idênticos.

- (13)a. *Maki-Ø_(i) Ø_(i) TV-Ø is-ek_(i) den-kid*
 Maki-ABS (Maki) TV-ABS ver-SIMULT.A/S>S rir-HAB
 ‘Maki sempre ri enquanto vê televisão.’
- b. *Tupa-Ø_(i) Ø_(i) t̥sonoad-ek pekas-e-k*
 Tupa-ABS (Tupa) trabalhar-SIMULT.A/S>S ter.fome-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Tupa está com fome enquanto trabalha.’
- c. *ibi_(i) Ø_(i) noman-ek munud-e-k*
 1SG.ABS (1SG) cantar-SIMULT.A/S>S dançar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Eu danço enquanto canto.’

O morfema *-kin* ocorre em referência ao argumento A na matriz, isto é, argumento marcado pelo caso ergativo. Sua presença se dá somente em cláusulas nas quais os eventos sejam simultâneos. Semanticamente podem ser interpretados em eventos que envolvem razão, circunstância, condição, adição e concessão.

- (14)a. *inbi_(i) Ø_(i) tsitonkete-Ø bed-kin_(i)*
 1SG.ERG (1SG) calça-ABS pegar-SIMULT.A/S>A
wa-dapa-Ø is-a-k
 escorpião-ENF-ABS ver-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu vi o escorpião quando peguei a calça.’
- b. *Iba-n_(i) Ø_(i) t̥sonoad-kin dinheiro-Ø bed-a-ʂ*
 Iba-ERG (Iba) trabalhar-SIMULT.A/S>A dinheiro-ABS pegar-PASS.REC-3.EXP
 ‘Iba pegou o dinheiro enquanto trabalhava.’

3.1.3. -ʂo como marcador de sujeito co-referencial com o objeto em cláusulas simultâneas

A co-referencialidade do morfema *-ʂo* “A/S > O” é de objeto da matriz para com o sujeito da subordinada. No exemplo, a seguir, o item *wapa* ‘cachorro’ na cláusula principal está em função de objeto, enquanto na subordinada está na posição de sujeito transitivo: [*inbi Ø isak [wapan namida peʂo]*] ‘Eu vi (o

cachorro), o cachorro comendo carne’. Uma questão que pode ser levantada é se o item *wapa* ‘cachorro’ faz parte da matriz ou da subordinada. A marcação de caso ergativo pode ajudar a esclarecer esta questão. Assim, ao considerarmos a construção [SN-erg V [SN-erg O V]], nota-se que *wapa* é marcado pelo caso ergativo (cf. exemplo 15 (a)), isso o faz com que esteja na função de A na cláusula ‘o cachorro está comendo carne’, diferente do que ocorre em 15 (b), onde *papi* ‘rapaz’ é não-marcado (\emptyset), o que indica função de sujeito intransitivo (S). A relação de correferência entre o objeto da cláusula matriz e o sujeito intransitivo ou transitivo da cláusula subordinada é marcado pelo morfema *-šo* que vem sufixada ao item *pe-* ‘comer’, indicando a concordância de participante O.

- (15)a. *inbi* (\emptyset)_(j) *is-a-k* *wapa*_(j)-*n*
 1SG.ERG (cachorro) ver-PASS.REC-1/2.DECL cachorro-ERG
nami-da- \emptyset *pe-šo*_(j)
 carne-ENF-ABS comer-A/S>O
 ‘Eu vi o cachorro comendo carne. [Eu vi (o cachorro_(j)), o cachorro_(j) está comendo carne.]’
- b. *inbi* (\emptyset)_(j) *is-a-k* *papi*_(j)- \emptyset *nes-šo*_(j)
 1SG.ERG (rapaz) ver-PASS.REC-1/2.DECL rapaz-ABS banhar-A/S>O
 ‘Eu vi o rapaz tomando banho. [Eu vi (o rapaz_(j)), o rapaz_(j) tomando banho.]’

As orações em 15 (c) e 15 (d) confirmam o que já foi apresentado nos exemplos anteriores. Em ambos os casos *-šo* indica a correferência entre o argumento A da cláusula subordinada e o objeto de *is-* ‘ver’ na cláusula matriz.

- c. \emptyset _(i) \emptyset _(j) *atsa- \emptyset* *nokoška-šo* *is-ek*_(i)
 (1SG) (2SG) mandioca-ABS ralar-SIMULT.A/S>O ver-SIMULT.A/S>S
*ibi*_(i) \emptyset _(j) *tšo-a-k*
 1SG.ABS (2SG) vir-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu vim ver (você) enquanto (você) descascava mandioca.’
- d. *inbi* (\emptyset)_(i) *bina*_(i)-*n* *tanawame-šo* *is-a-k*
 1SG.ERG (Bina) Bina-ERG ensinar-SIMULT.A/S>O ver-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu vi o Bina ensinando.’

Nota-se que o morfema *-šo* indica orientação em direção ao objeto da cláusula matriz (que nos exemplos proporcionados está implícito), cujo o marcador de caso é absolutivo ou zero (\emptyset). Isto contrasta com o marcador *-sun* que poderia ser analisado diacronicamente como *-su* + *-n* (*-šo* e *-su* seriam diacronicamente variações de um mesmo morfema), o que indica

concordância com o argumento A da cláusula matriz cujo marcador de caso ergativo é *-n* (Valenzuela 2003, 2011a) Assim, embora continue por explicar a alternância entre *-sɔ* e *-su*, estes dados podem ser explicados mediante a análise da concordância de participante, mas não mediante a análise da concordância transitiva, visto que tanto *-sɔ* como *-sun* ocorrem quando a cláusula matriz é transitiva.

3.1.4. Marcadores de sujeitos idênticos em eventos seguidos indicando propósito

Existem três morfemas que marcam sujeitos idênticos em eventos seguidos indicando propósito: *-nun*, *-nuʃ*.

Os sufixos *-nun* ‘PROP.A/S>A’ e *-nuʃ* ‘PROP.A/S>S’ indicam sujeitos idênticos e expressam propósito: ‘antes de X ocorre Y’. Uma hipótese é que o morfema base seja *-nu* e que *-s* e *-n* marcam semanticamente os argumentos orientados, ou seja, tem a função de concordância de participante, predicando respectivamente, acerca de S e A (Valenzuela 2003, 2011a)¹⁰.

Quando a concordância do participante for o *-nun*, o argumento da cláusula principal será um argumento A.

(16)a. (Ø) *Maki-Ø dadawa-me-nun_(i) inbi_(i) pe-e-k*
 (1SG) Maki-ABS escrever-CAUS-PROP.A/S>A 1SG.ERG comer-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Antes de (eu) ensinar o Maki eu vou comer.’

b. (Ø) *pe-nun_(i) inbi_(i) takada-Ø tfe-me-e-k*
 (1SG) comer-PROP.A/S>A 1SG.ERG galinha-ABS comer¹¹-CAUS-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Primeiramente eu alimento a galinha, somente depois que (eu) a comerei.’

O morfema *-nuʃ* indica propósito e só ocorre quando o argumento do verbo da cláusula matriz for S, enquanto na subordinada pode ser tanto A quanto S. Por esta razão consideramos que tal morfema também seja um tipo de concordância de participante orientado para S.

¹⁰ Todavia, como há vários casos de cristalização na língua, também é possível que sincronicamente estes morfemas estejam cristalizados na forma de *-nuʃ* e *-nun*. Um problema é compreender o significado de *-nu*, pode ser uma variação de *-no* locativo ou de *-nu* desiderativo? Contudo, não é possível afirmar exatamente qual seria o significado deste morfema.

¹¹ Também pode ser traduzido por ‘engolir’.

- (17)a. (\emptyset) *kuan-nuṣ*_(i) *ibi*_(i) *kapo-e-k*
 (1ABS) ir-PROP.A/S>S 1SG.ABS caçar¹²-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Antes eu vou caçar depois viajarei.’
- b. (\emptyset) *FUNAI ṣubu-no is-nuṣ*_(i) *ibi*_(i) *nes-e-k*
 (1SG) FUNAI¹³ casa-LOC ver-PROP.A/S>S 1SG.ABS banhar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Antes de (eu) olhar o escritório da FUNAI, vou me banhar.’

3.2. Concordância de participante no nível intraoracional

Valenzuela (1999, 2003, 2005a e b, 2011a) aponta que a concordância de participante opera em dois níveis sintáticos, interoracional e intraoracional. A nível intraoracional este traço pode “atestiguarse en palabras o frases adjuntas que indican lugar y otras funciones comúnmente consideradas “adverbiales”, tales como cuantificación distributiva, etapa de vida, benefactivo/malefactivo, comitativo, manera, razón, etc.” (2011a: 17). Por outro lado a autora afirma que os adjuntos de tempo normalmente não levam marca de concordância de participante nas línguas Pano. Isso é compatível com o fato de que este tipo de expressões predica sobre o evento em sua totalidade e não em relação a um participante. Contudo, a autora apresenta uma aparente exceção na língua matsés, como *abiad* ‘passado de amanhã’ que recebe a marca de concordância de participante. Isto explica, segundo a autora, pelo fato que este tipo de adjuntos tederiam a uma origem verbal. Por exemplo, *abiad* está diacronicamente relacionado ao verbo ‘amanhecer’. Sendo o matis uma língua próxima ao matsés, encontramos no matis também adjuntos de tempo que recebem essa concordância. Em seguida, vou apresentar como a concordância de participante atua em diferentes tipos de frases adjuntas.

3.2.1. Adjunto de quantificação distributiva

O adjunto como modificador de nomes recebem a concordância do participante A e S, respectivamente, *-ṣun* e $-\emptyset$. Em (18a) *dabidpa-ṣun* refere-se ao sujeito transitivo, indicando que os urubus atuam em pares:

- (18) *puikun-in dabidpa-ṣun pisi- \emptyset tje-a-ṣ*
 urubu-ERG em.dupla-A coisa.podre-ABS engolir-PASS.REC-3.EXP
 ‘Ambos urubus estão comendo coisa podre.’

¹² Nesta situação o verbo *kapo-* possui o sentido de ‘andar atrás de caça’, o verbo é intransitivo, visto que esse verbo serve tanto para indicar ‘caçar’ quanto ‘andar’.

¹³ Fundação Nacional do Índio

Nos exemplos a seguir temos duas situações em relação ao *atšuwĩš* ‘todos’. Primeiramente em (19a) o modificador *atšuwĩš* vem marcado por *-sun*, enquanto que em (19b) é não-marcado (\emptyset). No exemplo em que aparece *atšuwĩšsun*, *-sun* mostra que o adjunto esteja orientado para A. Dessa forma, evita qualquer ambiguidade, não significando ‘todos os matis sempre comem pupunha’. Se compararmos com a cláusula (b), podemos observar que o adjunto está orientado para S. Neste caso o marcador de concordância de participante é zero, o que coincide com o marcador de caso absolutivo.

- (19)a. *mastés-in atšuwĩš-sun wanin- \emptyset pe-kid*
 matis-ERG todos-A pupunha-ABS comer-HAB
 ‘Todos os matis sempre comem pupunha.’
- b. *papi-bo- \emptyset atšuwĩš- \emptyset uš-a-š*
 meninos-COL-ABS todos-S dormir-PASS.REC-3.EXP
 ‘Todos os meninos dormiram.’

3.2.2. Adjunto de frequência

Os adjuntos *epapa-* ‘uma vez’ e *dabidtsik-* ‘duas vezes’ também recebem o morfema de concordância de participante *-en* e *-e*, respectivamente, orientado para A e para S.

- (20)a. *São Paulo-no-wiš ibi epapa-e nes-bonda-k*
 São Paulo-LOC-S 1SG.ABS um-S banhar-PASS.DIST-1/2.DECL
 ‘Eu banhei uma vez (por dia) em São Paulo.’
- b. *inbi epapa-en tšui-a-k*
 1SG.ERG 1-A contar-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu contei uma vez.’
- c. *inbi tšapa- \emptyset dabidtsik-en bed-a-k*
 1SG.ERG peixe-ABS pouco-A pegar-PASS.REC-1/2.DECL
 ‘Eu peguei pouco peixe.’

3.2.3. Temporais

Os adjuntos temporais são vistos como aqueles que não possuem uma morfologia de concordância, segundo Valenzuela (2005a: 291), “*Temporal adjuncts carry no participant agreement morphology in SK (or to my knowledge in any other Panoan language)*”. Em parte isso também ocorre com a língua matis, pois nos itens como *inden* ‘antigamente’, *nibi* ‘hoje/agora’, *tšitšfin* ‘depois’, *intšišmantsik* ‘de manhã’, *tšadbud* ‘de tarde’ e

imid ‘à noite’, não ocorre a concordância de participante. Contudo, há um grupo de itens temporais (*cf.* quadro 5) que são marcados com morfemas de orientação para A ou S. Encontramos este mesmo tipo de ocorrência na língua australiana warlpiri. Segundo Simpson (2005: 84) os itens de tempo concordam nesta língua com marcação de caso, quer seja ergativo ou absolutivo, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- (21)a. *Pirrarno nyurnu-jarri-ja kurdu*
ontem doente-vir-PASS criança
‘A criança chegou doente ontem.’ [Simpson (2005: 82 *apud* Hale 1959: 7)]
- b. *Nya-ngu=rna=ngku pirrarni-rli*
ver-PASS=1.SBJ=2.OBJ ontem-ERG
‘Eu vi te ontem.’ [Simpson (2005: 82 *apud* Hale 1959: 19)]

Segundo Simpson (2005: 83), tais ocorrências podem ser do tipo orientadas ao participante. Contudo, o autor destaca que “*case agreement with the grammatical function subject sometimes has no obvious semantic connection with the participant expressed by the subject (...)*”.

Quando se observa a língua matis, como dito anteriormente, existe um grupo de itens temporais que não recebem nenhuma marca de concordância, como podemos atestar a seguir:

- (22)a. *ibi ni uş-e-k sedke-aş intşışmantsik*
1SG.ABS aqui dormir-N.PASS-1/2.DECL amanhã-S bem cedo
tabatinga-no kuan-nuş
Tabatinga-LOC ir-PROP.A/S>S
‘Eu durmo aqui e amanhã cedo eu vou para Tabatinga.’
- b. *Bina-n tşadbud bi-e-k*
Bina-ERG de.tarde trazer-N.PASS-1/2.DECL
‘Bina traz (algo) à tarde.’

Quando se trata destes itens apresentados a seguir na quadro 5, à semelhança do warlpiri, existe uma marcação de concordância de participante que se afixa nas palavras temporais de cláusulas simples que são orientadas tanto para A quanto para S.

Os morfemas de CP estão divididos em dois pares. A saber, *-kin*¹⁴ e *-ek*, e *şun* e *-aş*. Este último só ocorre com o item *sedke-* ‘amanhã’.

¹⁴ Infelizmente não temos nenhuma hipótese o que motiva o uso de *-kin* e *-ek*; *-şun* e *-aş*.

Quadro 5: Advérbios temporais que recebem CP

| | | A | S |
|------------------|------------|-------------|------------|
| <i>katon-</i> | antes | <i>-kin</i> | <i>-ek</i> |
| <i>sedke-</i> | amanhã | <i>-şun</i> | <i>-aş</i> |
| <i>ušto-</i> | ontem | <i>-kin</i> | <i>-ek</i> |
| <i>uki ušto-</i> | ante-ontem | <i>-kin</i> | <i>-ek</i> |

- (23)a. *sedke-şun*_(i) *nuki*_(i) *atşiwış-şun*_(i) *sote-Ø* *tfi-e-k*
 amanhã-A 1+2 todos-A pulseira-ABS tirar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Amanhã (depois de amanhecer), nós todos tiraremos a pulseira.’
- b. *sedke-aş*_(i) *rogeru-bid* *gabrieu-Ø*_(i) *nun-e-k*
 amanhã-S Rogério-COM.S Gabriel-ABS nadar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Amanhã a Rogério e o Gabriel irão nadar.’
- c. *ušto-kin*_(i) *maria-n*_(i) *cafe* *kodoka-bo-ş*
 ontem-A Maria-ERG café cozinhar-PASS.N.REC-3.EXP
 ‘Ontem a Maria fez café.’
- d. *ušto-ek*_(i) *ibi*_(i) *tşo-bo-k*
 ontem-S 1SG.ABS vir-PASS.N.REC-1/2.DECL
 ‘Eu cheguei ontem.’

Como podemos notar, os morfemas que marcam a concordância do participante no nível intraoracional, tanto para A quanto para S, são os mesmos que indicam sujeitos idênticos: *-şun* e *-kin* (A/S>A), e *-aş* e *-ek* (A/S>S). Por fim, em matis encontramos expressões de tempo que levam flexão de concordância de participante. É possível que estas tenham uma origem verbal, tal como sugere Valenzuela para o caso de ‘passado manhã’ em matsés (verificar a tradução entre parêntesis de *sedke* em (23a)).

3.2.4. Locativos

Em matis, os adjuntos locativos quando são orientados para A, levam o morfema de CP correspondente, do mesmo modo que nas outras línguas Pano. Podemos observar que no exemplo (24a), tanto *ni-* ‘aqui’ quanto *quarton witsi-* ‘no outro quarto’ são marcados por *-şun*, o que indica orientação aos participantes em direção para papibo ‘os homens’, quanto para *tşanpibo* ‘as mulheres’. No exemplo (24b) *-şun* indica que el locativo direciona para A, neste caso Tupan que também pode ser atestado pelo morfema *-ş*, que tem a correferência com terceira pessoa.

- (24)a. *ni- ξ sun_(i) papi-bo-n_(i) pe-e-k quartu-n witsi- ξ sun_(i)*
 aqui-A homem-COL-ERG comer-N.PASS-1/2.DECL quarto-LOC outro-A
tfanpi-bo-n_(i) kodoka-e-k
 mulher-COL-ERG cozinhar-N.PASS-1/2.DECL
 ‘Os homens comem aqui, as mulheres cozinham no outro quarto.’
- b. *tupa-n_(i) nukun ξ subu-n- ξ sun_(i) kodoka-wan-a- ξ*
 Tupa-ERG 1SG.POSS casa-LOC-A cozinhar-DESL.vir-PASS.REC-3.EXP
 ‘A Tupa veio cozinhar na minha casa e voltou.’

Nos exemplos (25a e b) encontramos nos locativos orientados para S a presença da CP S, ou seja, o morfema *-wi ξ* .

- (25)a. *Tabatinga-no-wi ξ _(i) ibi_(i) nun-kimo-emen*
 Tabatinga-LOC-S 1SG.ABS nadar-QUANTIF-NEG.PASS
 ‘Em Tabatinga, eu não nado muito.’
- b. *bina- \emptyset _(i) ξ subu-n-wi ξ _(i) bud-e-k*
 Bina-ABS casa-LOC-S descer-N.PASS-1/2.DECL
 ‘O Bina está descendo lá da casa.’

Fleck (2010: 52) traz dois exemplos coletados por ele entre os matis que apresenta a relação de *-sun* com A e \emptyset com O, semelhantemente ao que ocorre na língua matsés (Fleck 2003: 584-585). Os exemplos a seguir demonstram que a concordância de participante não depende estritamente da transitividade verbal, ou seja, a relação destes morfemas não depende da transitividade do verbo ou da cláusula, mas da função sintática do participante para o qual o locativo esteja orientado.

- (26)a. *idancha-n- ξ shun_(i) ξ mbi_(i) nawa- \emptyset is-bo-k*
 lancha-LOC-A 1ERG não-indígena-ABS ver-PASS.REC-IND.1/2
 ‘Eu vi o não-indígena de (lá) do bote (o falante está na lancha).’
- b. *idancha-n- \emptyset _(i) ξ mbi_(i) nawa- \emptyset is-bo-k*
 lancha-LOC-O 1ERG não-indígena-ABS ver-PASS.REC-IND.1/2
 ‘Eu vi o não-indígena no bote (o não-indígena está na lancha).’

3.2.5. Concordância de participante em pronomes restritivos

Os pronomes restritivos são orientados aos participantes A e S, por meio da marcação de concordância de participante. A orientação para S é não-marcada, como podemos observar no exemplos (27a) e (27c), onde *abentsik* e *mibentsi* recebem marca zero. Não encontramos em nenhum caso o morfema *-wi ξ* na orientação para S, apenas a ausência de marcação.

Nos exemplos (27b) e (27d) ocorrem a concordância orientada para A, indicado mediante el morfema *-sun*.

- (27)a. *mena-Ø_(i) aben-tsik-Ø_(i) uş-e-k*
 Mená-ABS 3SG.ABS-REST-S dormir-N.PASS-1/2.DECL
 ‘O Mená dorme sozinho.’
- b. *Tumi-n_i anben-tsik-sun_(i) matfi-Ø tuban-a-ş*
 Tumi-ERG 3SG.ERG-REST-A farinha-ABS torrar-PASS.REC-3.EXP
 ‘Tumi torrou a farinha sozinho.’
- c. *mibi_(i) miben-tsik-Ø_(i) tşo-a*
 2SG.ABS 2SG.ABS-REST-S voltar-PASS.REC
 ‘Você voltou sozinho?’
- d. *inbi-en-tsik-sun_(i) nami-Ø_(i) kodok-a-k*
 1SG.ERG-REFL-INTENS-A carne-ABS cozinhar-PASS.REC-1/2.DECL.3.EXP
 ‘Eu mesmo cozinhei a carne.’

4. Conclusão

Neste artigo se examinou o fenomeno sintático conhecido como concordância de participante na língua matis, tanto a nível interacional quanto intraoracional. Assim, foi possível confirmar que essa língua vem ao encontro de análises sobre este tema em trabalhos anteriores, contudo também possui algumas características particulares que a diferenciam de outras línguas da família Pano. Do ponto de vista da classificação interna da família Pano, esta língua compartilha pontos importantes para o tratamento de la rama Pano Norteña, principalmente quando se trata da marcação de caso, do sistema de referência alternada e, também, como pudemos apresentar aqui, em relação à concordância de participante, dentre tantas outras características particulares dessa família linguística.

A concordância de participante, como já bem atestou Valenzuela (2003, 2005a, 2005b e 2011a), é comum nas línguas Pano. Contudo, até o momento, foi pouco estudada pelos pesquisadores desta família. No nível interoracional foram estudadas como parte do sistema de referência alternada em correlação com concordância de participante. A autora afirma que “de um ponto de vista tipológico, os adjuntos orientados para participante em Pano são comparáveis aos predicados secundários descritivos em outra língua do mundo”. Como já afirmou Valenzuela, a concordância de participante nas línguas dessa família apresentam

novidades quanto o que se encontra sobre esta questão; como pudemos observar nas ocorrências abordadas neste artigo. Com isso, este estudo pode vir a colaborar com as pesquisas tipológicas, principalmente se tratando da teoria referente ao tema concordância.

Inicialmente fizemos um questionamento (*cf.* seção 2) sobre a concordância de transitividade e a concordância de participante. Investigamos a possibilidade de se tratar de um sistema híbrido, ou seja, a ocorrência dos dois sistemas tanto a concordância de participante, quanto a concordância de transitividade. Diante do que foi exposto durante o artigo, é possível observar que se trata apenas da concordância de participante, sendo este um sistema autônomo. Contudo não se pode negar que os argumentos das cláusulas estejam estritamente relacionados à transitividade verbal, pois estamos diante de um sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo (*cf.* seção 1.2).

No entanto, a questão sobre concordância de transitividade é excluída quando observamos a função do morfema *-ʂo* (*cf.* seção 3.1.3, exemplos 15), bem como nas ocorrências apontadas por Fleck (2010) (*cf.* exemplos 27). Assim, podemos afirmar que não se trata de um sistema híbrido, mas de um sistema de concordância de participante. Esperamos que em estudos futuros examinem este notável traço, tanto a nível interoracional como intraoracional, nas diferentes línguas Pano. Ainda podemos continuar investigando questões como a harmonia transitiva, também apontada por Valenzuela (2011b, neste volume).

Abreviações

| | | |
|---|-----------------------------------|---|
| 1 primeira pessoa | EXP experiencial | PL plural |
| 2 segunda pessoa | EV evidencial | POSS possessivo |
| 3 terceira pessoa | HAB habitual | PROP propósito |
| A função A | IND indicativo | QUANTIF quantificador |
| ABS absolutivo | INIT inicial | REC recente |
| AC acusativo | INSTR instrumental | REDUPL reduplicação |
| AFIRM afirmativo | INTENS intensificador | REFL reflexivo |
| AUG argumentativo (glosa Fleck) | INTERR interrogativo | REST restritivo |
| BEN benefactivo (glosa Fleck) | INTR. intransitivo | S função S |
| BENEF benefactivo | LOC locativo | SBJ sujeito |
| CAUS causativo | MANR maneira | SD sujeitos distintos |
| COL coletivo (glosa Fleck) | N.PASS não-passado | SEQ seqüencial |
| COM comitativo | NAR narrativo | SG singular |
| CP concordância de participante | NEG negativo | SI sujeito idênticos |
| DECL declarativo | NO.PROX não-próximo | SIMULT simultâneo |
| DESL deslocar(mento) | NOM nominativo | TR transitivo |
| DESL.ir deslocar(mento) com ação de ir e retornar | O função O | VZ verbalizador (glosa Fleck) |
| DESL.ir.longe deslocamento com ação de ir para longe | OBJ objeto | > encadeamento de cláusulas (Subordinada > Matriz) |
| DESL.vir deslocar com ação de vir | PAS pasado (glosa Fleck) | / indica qual é a funções diferentes nas cláusulas |
| DIST distante | PASS passado | Ø morfema zero |
| ENF enfático | PASS.N.REC pasado não- recente | |
| | PERF perfectivo | |

Referências

- Aguiar, Maria Sueli de. 1988. Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Aguiar, Maria Sueli de. 1994. Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Camargo, Eliane. 1991. Phonologie, morphologie et syntaxe: étude descriptive de la langue Caxinawa (Pano). Tese de Doutorado, Universidade Paris IV.
- CEDI. 1981. *Povos Indígenas no Brasil - Javari*. São Paulo: C.E.D.I. v. 5.

- Costa, Raquel G. R. 1994. Manifestaciones de la ergatividad en Marubo (Pano). *II Jornadas de Lingüística Aborigen*, 205-223. Argentina: Universidad de Buenos Aires.
- Costa, Raquel G. R. 1997. Aspects of ergativity in Marubo (Panoan). *Journal of Amazonian Linguistics* 2.1: 50-103.
- Costa, Raquel G. R. 2000. Aspectos da fonologia Marubo (Pano): Uma Visão Não-Linear. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Erikson, Philippe. 1994. Los Mayoruna. *Guía etnográfica de la Alta Amazonía* 2: 1-127.
- Ferreira, Rogério Vicente. 2001. Língua matis (Pano): uma análise da morfossintaxe. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Ferreira, Rogério Vicente. 2008. *Lingua matis (Pano): Uma Descrição Gramatical*. München: Lincon-Europa.
- Ferreira, Rogério Vicente. 2012. Aspectos tipológicos do switch-reference em línguas da Família Pano. *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*, Edson Rosa de Souza (ed.), 197-224. São Paulo: Contexto.
- Figuerola, Francisco de. 1904[1661]. *Relación de las misiones de la Compañía de Jesús en el país de los Maynas*. Madrid: Libr. General de Victoriano Suárez.
- Fleck, David W. 2003. A grammar of Matses. Tese de Doutorado, Rice University.
- Fleck, David W. 2010. Ergativity in the Mayoruna branch of the Panoan family. *Ergativity in Amazonia*, Spike Gildea & Francesc Queixalós (eds), 29-63. Amsterdam: John Benjamins.
- Fleck, David W. & Ferreira, Rogério V. 2005. Language in the Mayoruna subgroup of the Panoan family. Ms.
- Fields, Harriet. 1979. *Lecciones para el aprendizaje del idioma mayoruna*. Yarinacocha: Ministerio de Educación / Instituto Lingüístico de Verano.
- Kneeland, Harriet. 1994. Cultural crisis and ideal values in cultural change among the matsés of eastern Peru. *Notes on Anthropology* 16: 23-48.

- Loos, Eugene E. 1973. La señal de transitividad del sustantivo en los idiomas panos. *Estudios Panos I*, Ministerio de Educación / ILV (eds), 133-184. Lima: ILV edición.
- Loos, Eugene E. 1999. Pano. *The Amazonian Languages*, R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds), 227-250, Cambridge: Cambridge University Press.
- Montag, Richard. 2005. *Participant referencing in Cashinahua*. SIL Electronic Working Papers 2005-013.
<http://www.sil.org/silewp/abstract.asp?ref=2005-013>
- Paula, Aldir Santos de. 2004. A Língua dos índios Yawanawa do Acre. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Simpson, Jane. 2005. Depictives in English and Warlpiri. *Secondary Predication and Adverbial Modification*, Nikolaus P. Himmelmann & Eva F. Schultze-Berndt (eds), 69-106, Oxford: Oxford University Press.
- Shell, Olive A. 1975 [1965]. *Las lenguas pano y su reconstrucción, Estudios Pano III*. Pucallpa: Ministerio de Educación / Instituto Lingüístico de Verano.
- Sparing-Chávez, Margarethe. 1998. Interclausal reference in Amahuaca. *Handbook of Amazonian Languages*, Desmond C. Derbyshire & Geoffrey K. Pullum (eds), Vol. 4: 443-485. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Valenzuela, Pilar M. 1999. Adverbials, transitivity and switch-reference in Shipibo-Konibo (Panoan). *Chicago Linguistic Society 35: The Panels, Theory and Linguistic Diversity*, S.J. Billings, J.P. Boyle & A.M. Griffith (eds), 355-371. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- Valenzuela, Pilar M. 2000. Ergatividad escindida en wariapano, yaminawa y shipibo-konibo. *Indigenous languages of Lowland South America*, Hein van der Voort & Simon van de Kerke (eds), 111-128. The Netherlands: University of Leiden.
- Valenzuela, Pilar M. 2002. *Relativization in Shipibo-Konibo: A typologically-oriented study*. München: Lincon-Europa.
- Valenzuela, Pilar M. 2003. Transitivity in Shipibo-Konibo grammar. Tese de Doutorado, University of Oregon.

- Valenzuela, Pilar M. 2005a. Participant-oriented adjuncts in Panoan. *Secondary predication and adverbial modification: The typology of depictives*, Nikolaus P. Himmelmann & Eva Schultze-Berndt (eds), 259-298. Oxford: Oxford University Press.
- Valenzuela, Pilar M. 2005b. Adjuntos Orientados hacia un Participante en Chacobo (Pano). *Acercamiento Comparativo y Tipológico. UniverSOS*, 2: 185-200.
- Valenzuela, Pilar M. 2010. Applicative constructions in Shipibo-Konibo (Panoan). *International Journal of American Linguistics* 76: 101-144.
- Valenzuela, Pilar M. 2011a. El sistema de concordancia del participante en las lenguas Pano y sus implicancias para el conocimiento de la proto-lengua. *Encuentro Internacional "Arqueología y Lingüística Histórica de las Lenguas Indígenas de Sudamérica"*. Universidade de Brasilia e Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Valenzuela, Pilar M. 2011b. Multi-verb predicates and transitivity harmony in Shipibo-Konibo. *Multi-verb constructions: a view from the Americas*, Pieter C. Muysken & Alexandra Y. Aikhenvald (eds), 185-212. Amsterdam: Brill.
- Zariquiey Biondi, Roberto. 2011. A Grammar of Kashibo-Kakataibo. Tese de Doutorado, La Trobe University.